

LIVRO DIDÁTICO-DUELO ENTRE O PASSADO E O FUTURO?

André Luiz dos Santos ¹

Jorge Paulo José de Souza²

Resumo

Este artigo pretende problematizar o duelo existente entre o passado e o presente em relação às abordagens de ensino e acreditamos que tal rixa está presente nos dizeres dos autores de livros didáticos. De tal modo buscamos por meio de uma interface da LA (Linguística Aplicada) com a AD (Análise do Discurso) trazer à baila como tal luta se configura no material didático de língua inglesa utilizada nas escolas municipais de Três Lagoas/ MS. Ademais salientamos que o conceito de interpretação de (Orlandi, 2007) constitui um dos pilares de nosso estudo.

PALAVRAS CHAVE: Interpretação, condições de produção, língua estrangeira, material didático.

Introdução

Entre o dizer e o fazer parece haver uma ponte, alguns diriam um verdadeiro abismo, principalmente no tocante à confecção do material didático, ou melhor, entre os dizeres dos autores que constam no material do professor e que geralmente se refere à introdução do material, a programação anual, proposta pedagógica, organização didática do material, sugestão de avaliação e orientação metodológica e as atividades elaboradas.

Acreditando haver um descompasso não somente entre os dizeres e fazeres, mas principalmente entre o(s) próprio(s) dizeres e que tal descompasso na verdade parece camuflar um duelo entre o passado e o presente, no que se refere ao desenvolvimento da Linguística Aplicada, buscaremos neste artigo problematizar e trazer à luz do conhecimento quais são as condições de produção que permitem que tal fato seja preponderante na maioria dos livros didáticos de língua inglesa.

Para emprendermos tal desafio, buscamos nos alicerçar em conceitos advindos da Análise do discurso de Linha Francesa, em especial nos conceitos de interpretação, condição de produção. Além disso, enfatizamos que nas palavras de Carmagnani (2011) o livro didático ainda é a fonte mais utilizada nas escolas e em muitos contextos, a única fonte a qual professores e alunos têm acesso.

1.Fundamentação Teórica:

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e docente de língua portuguesa e inglesa do Instituto Federal de Goiás do câmpus de Luziânia-GO/departamento de área acadêmica,e-mail: andre.santos@ifg.edu.br

² Graduado em Letras pela Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professor de Língua inglesa e espanhola na rede pública e privada, E-mail: theloadedman@yahoo.com

Para Orlandi (2007) a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Sendo assim, buscaremos nesse artigo desconstruir os efeitos do já dito, em direção a uma nova significação, ainda inédita ao olhar do leitor/interlocutor e para emprendermos tal desafio lançaremos mão dos conceitos de interpretação, apagamento, silenciamento e condições de produção.

A interpretação para Orlandi (2007) é expor-se à opacidade do texto, é explicitar o modo como um objeto simbólico produz sentidos, posto que a interpretação sempre possa ser outra, entretanto o movimento interpretativo não é um movimento caótico, sem regras. Ainda para a autora “não é verdade que o texto possa se desenvolver em qualquer direção: há uma necessidade que rege um texto e que vem da relação com a exterioridade.”

Sendo assim, é o fato do sentido de estar sempre em curso, atrelado às condições de produção que impõem determinações, limites a esse movimento, o que significa dizer que a interpretação pode ser múltipla, mas não qualquer uma.

Além disso, para Orlandi (1987) todo texto tem sua história – é um continuum de outros textos, de modo que todos os sentidos produzidos dependem de suas condições de produção. Assim, na concepção de Pêcheux (1990, p.19) condição de produção não é somente “uma serie de formações imaginárias que designam os lugares que os interlocutores atribuem a si mesmos e ao outro”, mas também faz parte desse todo um sistema de restrições que determinam os objetos, os temas, as modalidades enunciativas, assim como as relações entre os discursos.

Ainda para o autor, todo o discurso remete a formação discursiva a que pertence, sendo regido por essa prática, de tal modo que, todas as pessoas estão imbricadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos por meio da ideologia e do inconsciente.

Assim, podemos afirmar que não existe ato enunciativo que se dê no vácuo, desligado de sua situação de enunciação, uma vez que na visão de Pêcheux (1990) tudo depende do “lugar” onde o ato foi enunciado.

Desta maneira, acreditamos ser bastante relevante assinalarmos as condições de produção do material selecionado em nosso estudo. Os autores do material em questão pertencem à mesma cultura e compartilham a mesma língua de seu interlocutor (estamos, considerando aqui a Língua oficial ensinada nas escolas), uma vez que o material didático é confeccionado na cidade de Curitiba /PR na gráfica e editora Posigraf S/A.

2. Análise do material

2.1 Livro didático

Logo na contracapa os editores chamam a atenção para o fato da editora do material didático possuir uma parceria com a natureza, posto que ela esteja associada a uma organização sem fins lucrativos, que tem como missão trabalhar pela conservação da natureza, por meio da proteção de áreas nativas, de ações de educação ambiental e do desenvolvimento de modelos para uso racional dos recursos naturais. Entretanto em nenhum momento os autores evidenciam como funciona essa parceria, o que nos leva a acreditar que tal menção é somente uma peça de marketing.

Na primeira página do material didático intitulado “*Orientações Metodológicas*” encontramos as seguintes subdivisões, a saber: Proposta pedagógica; Organização do material didático, Sugestão de avaliação, Orientações didáticas, Sugestões de trabalho e finalmente Referências.

A apresentação do material didático é assinada pelo gerente editorial, nota-se que embora não falte à autoria³, podemos afirmar que há de alguma maneira um apagamento do sujeito, uma vez que não temos acesso do lugar de enunciação desse, embora possamos acreditar que sua autoria é autorizada pela posição social que ocupa.

Frisamos também, que o texto se inicia com uma frase bastante conhecida entre os professores de língua inglesa “the book is on the table” que remete os interlocutores a abordagem de ensino tradicional, ao método gramático - tradução. Ademais, o autor acrescenta que tal frase “marcou sem dúvida nenhuma uma etapa importante do grande movimento de reflexão sobre os conteúdos de ensino de língua estrangeira”.

No trecho seguinte o autor realiza uma oposição entre o passado representado pela frase “the book on the table” e os elementos fundamentais presentes na cultura, que para ele passa a fazer parte do cenário atual do ensino de língua, entretanto, o autor não menciona quais são esses elementos.

Convém assinalar que embora o autor não mencione quais são os elementos fundamentais presentes na cultura, ele destaca que é nessa perspectiva que o material didático se embasa e organiza sua proposta de mediação pedagógica.

Portanto, pode se assinalar que o autor insere seu material como atual, que segue as últimas tendências no ensino de língua, e a busca dele para reafirmar isso continua nos próximos enunciados com a utilização de vocábulos como: construção de significados; pluralidade textual, mediado pelo texto e intenção do sujeito localizado historicamente, entre outros, como podemos observar:

Neste material, as propostas de trabalho procuram envolver os alunos na construção de significados, ao permitir o domínio de possibilidades de comunicação mediadas pelo texto escrito e oral. Por isso, nossas unidades de trabalho consideram a pluralidade textual para aprender sobre si e sobre o mundo. O ensino de Língua Inglesa, neste material, integra as dimensões: instrumental, linguística e cognitiva, para produzir experiências construtivas de aprendizagem. Nele, as habilidades comunicativas de compreensão e produção são priorizadas para que haja o processamento da informação, desenvolvendo processos de percepção, atenção, decodificação e integração de informações, acrescidas de fatores cognitivos que trazem a contribuição do leitor-ouvinte com seus referenciais sociais e que definem a intenção do sujeito social, localizado historicamente.

Essas denominações fazem parte de uma prática discursiva que se insere na atualidade, está presente nas abordagens de ensino de cunho humanistas, de bases cognitivistas, tais como a abordagem comunicativa.

Somente no início do encerramento da apresentação que podemos observar qual é a concepção de professor que norteia o autor, ademais só neste momento que surge a figura do seu interlocutor, o professor. Para o autor o professor é representado como um mero executor de ações, como podemos observar nesse enunciado: *Queremos, junto de sua ação, contribuir para o processo educacional, ajudando nossos alunos a adquirirem habilidades linguísticas, a perceberem a natureza das linguagens e a compreenderem o seu funcionamento[...].*

Para de fato finalizar a apresentação o autor afirma que o material didático pretende ir além da frase inicial “the book is on the table”, com isso, acreditamos que embora o autor busque por meio do emprego de vocabulário advindo das mais novas abordagens de ensino na maioria dos enunciados da apresentação do seu material didático. Esse material ainda terá resquícios da velha abordagem, uma vez que ele pretende ir além, ou seja, passando por ela também, mas

³ Foucault (1987) trata de considerar o autor não como um indivíduo inserido num determinado contexto histórico-social (sujeito em si), mas como uma das funções enunciativas que este sujeito assume enquanto produtor de linguagem.

agregando novos elementos, ou a nosso ver, novos vocabulários que na realidade camuflam a velha tradição de ensino de língua, como se fosse uma roupagem nova.

2.2. Proposta Pedagógica

Em relação à proposta pedagógica, podemos assinalar que mantém plena coerência com o já dito na apresentação, embora, não temos acesso a autoria deste e logo nos primeiros dizeres o autor afirma que: *o momento que vive a humanidade é muito propício para pensar o ensino de língua Inglesa, numa perspectiva mais ampla e que este é um cenário que impulsiona a mobilização de recursos, inventividade e o compromisso na criação de propostas de ensino que favorecem aspirações diferenciadas, pela própria característica de multiculturalidade que nos cerca.*

Nestes dizeres podemos observar que o autor não deixa explícito que momento é esse que se mostra fecundo para pensar o ensino de língua, nem mesmo que cenário seria esse que impulsiona a mobilização de recursos, a inventividade. Além disso, o autor não esclarece quais são esses recursos que são ou devem ser mobilizados, muito menos o que ele entende por “*um contexto mais amplo*”.

Enquanto no primeiro enunciado encontramos traços que marcam a posição desse sujeito em relação ao que diz, o mesmo não ocorre no enunciado seguinte, onde o autor utiliza-se de um elemento apassivador (acredita-se) para trazer ao seu dizer o senso comum, ao mesmo tempo para ter sua face resguardada de possíveis danos. Não obstante, após a utilização do elemento apassivador o autor traz uma breve explicação do motivo que para ele faz com que a maioria dos interlocutores pense que “*a língua estrangeira está estreitamente ligada ao diálogo dos conhecimentos da área com os conhecimentos do mundo*”.

Somente no terceiro enunciado é que o autor de fato apresenta a proposta metodológica e em relação a ela afirma o seguinte: *O interesse central é o desenvolvimento de ações significativas no tratamento do que se esteja estudando. Desse modo, os alunos terão acesso a uma aprendizagem que lhes permita aprender continuamente a efetivar ações e intervenções no mundo, sendo por isso, protagonistas na relação cotidiana de vida. Por isso mesmo, o Material didático preocupou-se com a elaboração de estratégias de aprendizagem que mobilizem o raciocínio lógico por meio da língua Inglesa e a afetividade presente nas relações humanas, estimulando a criatividade, a pesquisa e a cultura de diferentes grupos sociais.*

Nesse enunciado o autor também não evidencia de que maneira pretende implementar ações significativas em relação ao que será estudado, nem como os alunos terão acesso a uma aprendizagem que lhes permitiriam aprender continuamente, muito menos esclarece quais seriam as ações e intervenções que os alunos poderiam realizar mundo. Assim, acreditamos que o autor mais uma vez realiza um jogo com os vocabulários advindos das mais novas abordagens de ensino de língua inglesa, uma vez que não trabalha esses termos por meio de exemplificação e não mostra possuir um conhecimento mais sólido para abordar de maneira mais profunda esses termos/vocabulários.

Também observamos um apagamento /distanciamento ao que o sujeito enuncia, uma vez que ele no lugar de afirmar que “*os autores preocuparam-se com a elaboração de estratégias de aprendizagem*”, ele utiliza como sujeito do enunciado um termo inanimado, o material didático. Outro fator relevante a ser discutido é a falta de especificação em relação às estratégias de aprendizagem que mobilizaram o raciocínio por meio da língua Inglesa.

Nos enunciados que encerram a proposta pedagógica observamos a utilização das palavras “*cidadania*” e “*cidadão*” que remete o interlocutor aos PCNS, ademais o autor não evidencia qual é o exercício no qual a cidadania se efetivará. Ainda a esse respeito, devemos salientar que para o autor o seu material didático trabalha esse tema, pois, assegura aos alunos

um espaço para falar, agir e buscar informações que contribuam para a formação de uma base comum a qual será necessária para o exercício cidadão.

A seção intitulada “*Organização didática do material didática*” inicia com a seguinte afirmação “*A organização didática deste material priorizou uma dinamicidade de trabalho por meio de textos e essa escolha deu-se em virtude do entendimento de que eles revelam a linguagem em uso, como interação entre sujeitos. Com base nos textos, as Unidades de trabalho sistematizam o ensino de conteúdos de natureza procedimental, como a leitura, a escuta e as práticas orais, os quais ocupam lugar significativo nas ações de ensino da língua Inglesa. Assim, essa organização didática, ao dinamizar o trabalho com textos das unidades possibilita situações que desenvolvem estratégias e mecanismos de elaboração e de entendimento dos textos.*”

Observamos nessa introdução a organização do material didático o apagamento/distanciamento do sujeito no que se refere ao por que da escolha de se trabalhar com textos, ademais o autor não evidencia o ele compreende por Texto e também ao mencionar “... a leitura, a escuta e prática orais” existe um silenciamento em relação ao termo “gramática” uma vez que esse termo possui uma carga histórica muito atrelada aos métodos de ensino considerados tradicionais como, por exemplo, a “gramática-tradução” e o material apresentado pretende se unir ao materiais que seguem uma abordagem de ensino moderna, atual.

Em seguida, o autor mostra que o material foi organizado para se trabalhar com textos (leitura) e o autor afirma “*O objetivo principal da leitura deve ser a compreensão do contexto e não apenas conhecer o significado ou a tradução de cada palavra. Para que isso possa ocorrer, é importante efetuar a leitura conjunta com os alunos, respeitando o tempo deles, sem atropelá-los com listas de vocabulários e afins. A leitura precisa ocorrer com naturalidade comunicativa.*”.

Cabe assinalar nesse sentido que o autor não esclarece o que ele compreende por contexto e como sabemos esse é um dos temas mais discutidos pelas mais diversas áreas da linguística entre alguns dos estudiosos dessa temática podemos citar Maingueneau e Hanks. Além disso, salientamos que o autor embora estabeleça uma distinção entre significado e tradução, ele não explora em um nível mais profundo tal distinção e qual seria a implicação desse fato na leitura de textos.

Também convém evidenciar que o autor ao mencionar que “a leitura deve ocorrer com naturalidade comunicativa” ele acredita que em algum momento ou lugar a leitura possa ocorrer de maneira mecânica, em outras palavras, entendemos que esse momento ou lugar seria a abordagem de ensino de língua inglesa tradicional.

Em relação ao “listening” o autor pontua que “*as sequências didáticas desta seção foram organizadas especialmente para o trabalho em sala de aula e, portanto, se configuram como atividades de ensino a serem dinamizadas pelo professor*” e “*Quando o listening for desenvolvido por meio de textos, deve-se usar diferentes abordagens [...]*”.

Faz-se necessário apontar que o autor acredita que as atividades de “listening” não são dinâmicas, o que o leva a afirmar que as atividades dessa seção necessitam ser dinamizadas pelo professor, aqui parece ser o primeiro momento no qual o autor autoriza o professor não somente a realizar as atividades que ele propôs como a corrigir /reformula-las com o intuito de deixá-las dinâmicas.

Na seção “My dictionary” o autor também autoriza o professor a coordenar a atividade proposta, como se a atividade em si não fosse suficiente para garantir os objetivos pretendidos pelos autores. De acordo com o autor: *Esta seção vem em branco após cada texto, para que, ao final da leitura os alunos possam anotar o que julgar essencial. Caberá ao professor coordenar o trabalho de forma que todos tenham uma ideia central do texto, e [...] É fundamental que se desenvolvam nos alunos processos de autonomia. Portanto, esta seção cria possibilidades para que eles tomem decisões quanto ao que é preciso anotar.*

Podemos observar neste enunciado qual a concepção de autonomia que o autor possui, também, vale frisar que este conceito advém da abordagem comunicativa, mais uma tentativa de reafirmar que o material proposto segue tal abordagem de ensino. Entretanto, como sabemos nesta abordagem esse é um dos conceitos mais estudados e não se configura de maneira tão simplória como a explicitada pelo autor.

A última seção da organização do material didático se intitula “atividades”. E o autor inicia com a seguinte afirmação: *Estão organizadas para atender às necessidades de trabalho com o texto e às relativas às seções grammar e vocabulary. Em determinados temas, não há como fazer uma distinção precisa das seções Grammar e Vocabulary e por isso, essa seção se chama “language” e aborda os significados culturais de uso da língua.*

Neste momento, e somente nesta última seção é que ocorre a inserção da palavra “grammar”, ademais para o autor parece que há uma fusão entre gramática e vocabulário, ele não consegue fazer uma distinção. Ressaltamos também que o autor embora mencione que nesta seção abordará os significados culturais de uso da língua, ele não evidencia que significados são esses culturais são esses.

Finalmente, o autor encerra as orientações metodológicas apresentando as sugestões de avaliação, todavia, acreditamos que no lugar de sugestão de avaliação, ele deveria ter nomeado tal seção como orientação de avaliação, uma vez que na realidade o autor apresenta somente qual é a sua visão de avaliação, não fornecendo um guia ou modelos de avaliação.

Podemos observar na apresentação do material didático, assim como na proposta didática e na organização do material, o autor raramente forneceu ao professor a chance de participar da elaboração desses, porém na avaliação ele permite, ou melhor, autoriza o professor a proceder de acordo com a sua postura de trabalho. Tal fato nos parece como uma maneira do autor preservar a sua face⁴ perante qualquer falha do material, ao não fornecer um modelo de avaliação.

O autor a respeito da avaliação assegura *“Quanto aos processos avaliativos deste material, é válido salientar que a sua função é a aprendizagem. Isso implica considerar não apenas os instrumentos formais, como as provas, mas, sistematicamente, trabalhos em que os alunos precisem escrever argumentar...”* e continua com *“No caso de provas e dos testes, sugere-se que os critérios sejam explicitados aos alunos. [...] e que haja questões de natureza diversa e que as questões construídas permitam identificar os saberes, as habilidades e as competências que foram desenvolvidas e apropriados”*

Ressaltamos nesse enunciado que a concepção de avaliação do autor vai ao encontro das últimas tendências no ensino de línguas, entretanto, chamamos a atenção quando o autor enuncia que o professor deve levar em consideração não apenas as provas e testes, mas também os trabalhos em que os alunos precisem se expressar por meio da escrita, porém em nenhum momento o autor mencionou a atividade de escrever como um dos itens que abrange o que deve ser trabalhado no material. Isso nos leva a questionar qual é a concepção de escrita do autor, ou melhor, a nosso ver nos parece que o autor deve entender escrever como responder questões de leitura, complete espaços em branco ou ainda atividades de tradução, ou seja, ele deve

⁴ Na concepção de Kock (2007, p.37) “trata-se de uma estratégia sociointeracional, pois, são socialmente determinadas e visam estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal” e manifesta-se linguisticamente por meio de atos preparatórios, eufemismo, rodeios, mudança de tópico e dos marcadores de atenuação em geral. Ainda para a autora, o grau de polidez é determinado, em geral, com base nos papéis desempenhados pelos participantes, na necessidade de resguardar a própria face ou a do parceiro, ou ainda, condicionada por normas culturais.

compreender a habilidade de escrita de maneira bastante restrita e da mesma maneira que era vista pelas abordagens tradicionais.

3. Considerações finais

Enfim, como pudemos observar em todos enunciados existe de fato um duelo entre passado e presente, uma briga entre as teorias inovadoras, atuais e as tradicionais durante o tempo todo nos dizeres dos autores e ainda parece haver um abismo entre a abordagem que o material pretende se configurar e a que de fato o constituiu.

E tal afirmação nos remete as palavras de Pêcheux, para o qual o discurso é uma espécie de ponto de encontro entre o velho e o novo, o mesmo e o diferente, a estrutura e o acontecimento e é nesse entremeio que o discurso que vai se tornando memória discursiva retoma o “já dito”, e está sempre sofrendo deslocamentos.

Estes deslocamentos em nossa análise mostraram ser uma espécie de “camuflar” o método tradicional com pinceladas de termos advindos das abordagens inovadoras de cunho humanistas, cognitivistas como, por exemplo, a abordagem comunicativa, em uma tentativa do autor de inserir seu material como inovador, moderno num mundo editorial cada vez mais agressivo, acirrado na busca de consumidores ávidos pelas novas contribuições da Linguística Aplicada ao ensino de Língua Inglesa.

4. Referências Bibliográficas

KOCK, Ingedore. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Orlandi, Eni, P. *Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas, SP. Pontes, 5 ed. 2007.

Glossário de termos do discurso disponível em:

<http://www.discurso.ufrgs.br/glossario.html>. Acesso em: 16, jan.2012.

Pêcheux, M. A análise de discurso: três épocas, reproduzido In: *Por uma análise automática do discurso*- uma introdução á obra de Michel Pêcheux: Campinas. Ed. Unicamp, 1990.

